CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
2 de novembro de 2026

A FAREWELL TO ARMS / 1932

O Adeus às Armas

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Benjamim Glazer, Oliver P. H. Garrett e Lawrence Stallings, segundo o romance de Ernest Hemingway / Fotografia: Charles Lang / Música: W. Franke Herling / Som: HAROLD C. LEWIS / Interpretação: Helen Hayes (Catherine Barkley), Gary Cooper (Tenente Frederic Henry), Adolphe Menjou (Major Rinaldi), Mary Philips (Helen Fergunson), Jack LaRue (o padre), Blanche Frederici (a enfermeira), Henry Armetta (Bonello), George Humbert (Piani), Fred Malatesta (Manera), Mary Forbes (Miss Van Campen), Tom Ricketts (Conde Grefii), Robert Cauterio (Gordoni), Gilbert Emery (o major inglês).

Produção: Paramount / Cópia: DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português / Duração: 89 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, 8 de Dezembro de 1932 / Estreia em Portugal: Tivoli, 16 de Outubro de 1933.
Aviso: a cópia que vamos exibir apresenta, em algumas cenas, pouco contraste. Pelo facto pedimos desculpas e agradecemos a compreensão dos espectadores.

O primeiro nome que me ocorre a propósito de Borzage é o de Murnau. Não apenas por influência desse sublime **The Seventh Heaven**, com a presença de Janet Gaynor noutra dilacerante composição paralela à de **Sunrise** do mestre germânico, mas também pelo uso, por vezes expressionista que a luz tem nesse filme (em particular naquele assombroso final com o foco luminoso incidindo sobre os amantes e obscurecendo tudo o que se encontra à sua volta, sequência gémea da que no ano anterior terminava o **Fausto**), e principalmente pela presença de um destino inexorável que persegue os amantes, uma fatalidade que é o denominador comum do melodrama. Borzage no melodrama apenas tem paralelo no Griffith de **Broken Blossoms**, **True Heart Susie** e **Way Down East**. Apesar da estima em que tenho um Stahl e um Sirk, os outros dois vértices do trapézio, será difícil negar que a base de apoio de todo o género está naqueles dois. E há também, essa *wandering star*, astro único e inalcançável que é **Sunrise**, o que nos traz de novo à comparação com Murnau. Podia-se ainda comparar a carreira de Borzage a partir dos anos 40 com a de Murnau depois de **Sunrise**, e antes do canto de cisne que foi **Tabu**. A ambos foram criticadas as cedências comerciais, quando, no fim de contas, em toda a sua carreira, um e outro souberam entender as exigências especiais da indústria em que trabalhavam sem por isso deixarem de resolver as contradições pela conciliação entre os interesses dos estúdios e a sua manifestação artística. Dois momentos são particularmente significativos do que acabo de escrever: o *happy end* imposto a **Der Letzte Mann** e o de **A Farewell to Arms** (existem duas cópias, uma com e outra sem o *happy-end*).

A Farewell to Arms, adaptado do *best-seller* que Ernest Hemingway publicara pouco antes, é o primeiro filme que Borzage realiza após terminar o contrato que o ligava à Fox. A partir de então o *Borzage Touch* vai circular pelos vários estúdios de Hollywood, da Paramount à MGM, passando pela Universal e a RKO. À Paramount pertence o filme que vamos ver, indiscutivelmente uma das grandes produções do ano, candidato a três Oscars e vencedor de dois: para a fabulosa fotografia de Charles Lang e para o trabalho de Harold C. Lewis no som. A terceira nomeação era para o melhor filme do ano, perdido a favor de (adivinham?) o paquidérmico **Cavalcade** de Frank Lloyd, que "esmagou" também filmes como **42nd Street** de Bacon/Berkeley, **Lady For a Day** de Capra e **Little Women** de Cukor. Lloyd ganharia também o Oscar para a melhor realização em detrimento dos dois últimos. Até então, nas seis cerimónias já efectuadas, Borzage tinha à sua conta dois prémios, cabendo-lhe a honra de abrir a corrida com **The Seventh Heaven** e reincidindo em 1931/2 com **The Bad Girl**. Um terceiro para **A Farewell to Arms** não teria envergonhado a Academia.

O filme de Borzage poderia activar uma discussão sobre a fidelidade ou não à obra adaptada (sabe-se que Hemingway manifestou sempre o seu descontentamento pelas adaptações cinematográficas das suas obras, excepção feita ao **To Have and Have Not** de Hawks) mas a polémica é tão inútil como bizantina (**A**

Farewell to Arms voltaria a ser ainda adaptado de forma muito livre num excelente filme de Curtiz, **Force of Arms** de 1951 e numa mais fiel, e desastrosa, versão de Charles Vidor de 1957, com Rock Hudson e Jennifer Jones). O filme que vamos ver é, essencialmente, uma obra de Borzage, reflectindo a sua cultura e testemunho da sua peculiar sensibilidade, servindo-se do livro de Hemingway apenas como matéria prima, moldando e transfigurando os personagens à sua forma. Catherine Barkley e Frederic Henry são menos os personagens criados por Hemingway do que prolongamentos de Diane e Chico de **The Seventh Heaven**. Como este (ou mais tarde **Peter Ibbetson** de Henry Hathaway), **A Farewell to Arms** é, antes de mais, um poema de "amor louco", e poucas vezes este conceito, usado a torto e a direito para tudo quanto é excesso, teve tanto sentido como nalguns filmes de Borzage, onde este se inclui entre os primeiros.

No seu estudo sobre Borzage, "Souls Made Great Through Love and Adversity", Frederic Lamster, coloca **A Farewell to Arms** no início de um ciclo de filmes anti-belicistas e antifascistas que Borzage realiza até ao início da década de 40 e que culmina com **The Mortal Storm**, em paralelo com outros filmes onde a amarga realidade económica de então era o pano de fundo dos seus melodramas, que vai de **Man's Castle** a **Strange Cargo** (que não poucos dissabores teve com a censura).

Se denúncia da guerra existe neste filme, ela faz-se pelos reflexos no amor de Frederic e Catherine, e serve para o pôr à prova com as adversidades que encontra pelo caminho, o mesmo percurso dos amantes de **The Seventh Heaven**. Por isso, da guerra pouco mais vamos ver do que breves fragmentos na portentosa sucessão de imagens em rápidos encadeados que culminam na prisão de Frederic por deserção e na sua fuga. Por isso a guerra é vista de longe mas está tão presente na desolação e fatalidade que persegue os amantes e para intensificar a beleza dolorosa da sua "união mística" no final (talvez um dos mais belos planos da história do cinema, pelo menos um dos mais belos que estes olhos viram): Frederic com Cathy nos braços com o lençol/mortalha arrastando-se como um véu de noiva enquanto uma luz fulgurante ilumina o écran e a música o plano misturando-se com o replicar dos sinos e a alegria das pessoas que festejam o armistício. *"Peace"* diz Frederic em surdina. Sim, também ali a paz foi alcançada, a paz de um amor sublime que já não tem lugar entre a "paz" dos homens. Mas esta cena de beleza alucinante culmina uma sequência que é, toda ela, inenarrável, que tem início na despedida de Frederic e Rinaldi, prolonga-se pela montagem paralela da cesariana de Cathy e a travessia do lago por Frederic com aqueles sublimes *raccords* das mãos dela na mesa de operações com as dele nos remos, continua pelo espantoso jogo de sombras de Frederic junto da sala de operações, para culminar no plano siderante de Cathy moribunda maquilhando-se para receber o seu amado (Por Deus! Se alguém permanece indiferente perante esta cena perco a fé na espécie humana!). E não se pode deixar em silêncio a sequência anterior de Frederic e o cão, na rua, duas vítimas da guerra, dois irmãos na desgraça. Abram os corações porque não se pode ver **A Farewell to Arms** de outra forma.

Há muitos outros momentos que mostram o que a Borzage interessava no romance de Hemingway era a oportunidade que lhe dava para desenvolver uma vez mais o tema de **The Seventh Heaven**: a relação de Frederic e Cathy evolui da mesma forma (e na mesma direcção) que de Chico e Diana. Duma espécie de jogo (o namoro de Frederic às enfermeiras que culmina na cena do sapato da outra no pé de Cathy) a uma entrega completa, entrega que começa pela confiança da mulher (Ah! Aquela indescritível sequência de amor no jardim!!!) e continua o homem até fazer dos dois um único ser. Falei atrás de Murnau. É preciso voltar de novo a ele. Um e outro contam as suas exacerbadas histórias de amor, com não menos exacerbados bailados visuais. A câmara de Borzage, com a de Murnau, parece possuir vida própria, deslizando quase imperceptivelmente por entre cenários e personagens, com alguns planos sequência admiráveis; do plano subjectivo do transporte de Frederic ferido, na maca, em contra-picado, com a entrada e saída no campo de grandes planos de outros personagens, e apenas quebrado por um breve *insert* na cama, e daquele *travelling* para trás que revela o teatro ambulante de marionetas, à sequência que Cathy escreve a carta e a câmara circular pela sala até enquadrar os telhados vizinhos vistos da janela, evocando **The Seventh Heaven**, ou a de Cathy acompanhando, escondida, a partida de Frederic. E temos a chuva que recorrentemente vem reforçar, como lágrimas da natureza, o destino trágico e sublime daquele amor, nessa despedida e na sequência final. Tudo feito de tal forma que a coisa mais complicada nos parece duma simplicidade a toda a prova.

"Real art is simple", disse um dia Borzage, *"but simplicity requires the greatest art"*. Ele sabia bem do que falava.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico